

O ROMANTISMO “FRENÉTICO” DE *HAN D’ISLANDE*

Ana Luiza Silva Camarani¹

Apoio: Fundunesp

Publicado em fevereiro de 1823, *Han d’Islande* provoca um grande impacto nos meios literários parisienses; assim, não causa espanto o número de polêmicas suscitadas por esse romance, que parece fugir à concepção de romantismo, na época em que o movimento estava em formação. Tanto os partidários da nova literatura, quanto os que se atinham ao classicismo, manifestam opiniões semelhantes em relação ao texto de Hugo.

Em março de 1823, no jornal *Quotidienne*, Charles Nodier, sem ousar apadrinhar a obra e reconhecer sua posteridade, faz um elogio bastante veemente do talento do jovem romancista:

*On reconnaît dans Han d’Islande beaucoup d’érudition, beaucoup d’esprit [...], un style vif, pittoresque [...] et, ce qu’il y a de plus étonnant, cette délicatesse de tact et cette finesse de sentiment qui sont des acquisitions de la vie, et qui contrastent ici de la manière la plus surprenante avec les jeux barbares d’une imagination malade [...]*².

Assim Nodier, um monarquista, um romântico, faz entretanto reservas sobre a inspiração de *Han d’Islande*. Como os liberais clássicos não o fariam? O *Mercure du XIXe siècle*, que acabava de ser fundado por uma equipe de doutrinários, publica um artigo muito severo sobre o romance:

¹ Departamento de Letras Modernas - Universidade Estadual Paulista – UNESP / Araraquara.

² Apud BRAY, René. *Chronologie du Romantisme*: 1804-1830. Paris: Nizet, 1963. p. 80.

L'auteur ne se nomme point. C'est, dit-on, un poète [...]. Il est, assurent quelques personnes, une des colonnes de la Société des Bonnes-Lettres: on l'accueille dans certains salons; de grands seigneurs le protègent; le Trésor le pensionne. Un écrivain si bien entretenu ne devait pas rester inactif; il a senti cette obligation, et c'est sans doute pour la remplir qu'il a publié Han d'Islande [...]. Les métaphysiciens prétendent que le génie est voisin de la démence. S'il en est ainsi, on peut dire que l'auteur de Han d'Islande n'est pas très éloigné du génie [...]. L'explication la plus favorable que l'on puisse offrir sur l'origine de ses inspirations, c'est de dire qu'il a subi les tourments d'un long cauchemar, pendant lequel il a rêvé les quatre volumes de Han d'Islande³.

Os amigos de Victor Hugo sensibilizam-se com esse artigo. Uma controvérsia penosa entre os editores do romance e o autor atrai ainda mais a atenção do público.

A verdade é que o romantismo foi visto, por muito tempo, como um simples gênero poético ou dramático no interior de uma literatura concebida como clássica. A oposição entre classicismo e romantismo começa a esboçar-se entre 1804 e 1810, quando mentes abertas e liberais passam a inclinar-se, cada vez mais, para uma reforma literária aberta às influências estrangeiras. Por volta de 1816, surgem traduções francesas de autores de língua alemã e inglesa: Byron, Scott, Schiller, Shakespeare, Goethe. A partir de 1818, o romantismo passa a ser visto como uma renovação literária decorrente da renovação social, e a necessidade de modificação começa a ser sentida mesmo entre os clássicos. Os anos seguintes marcam a influência crescente que exerce a política sobre a literatura: os clássicos intransigentes se recrutam, na sua

³ BRAY, René. Op. cit. p. 80-81.

maioria, junto aos liberais, assim como a totalidade dos clássicos moderados; os românticos ainda impregnados de classicismo, ultra-monarquistas em política, só concebem a renovação literária como uma volta à tradição cristã e antifilosófica; os românticos filósofos querem, ao contrário, que a nova literatura seja filha da Revolução libertadora. No interior dos partidos políticos, tenta-se conciliar as tendências adversas; observa-se, entretanto, a existência de dois romantismos, um liberal e um monarquista, os dois abertos às contribuições estrangeiras e partidários de uma renovação da literatura de acordo com os novos tempos: um deles, entretanto, conservando o respeito ao grande século, o outro nutrindo-se do espírito enciclopédico.

Se a evolução da literatura é admitida naquele momento, por que, então, o romance de Hugo torna-se alvo de críticas tão severas? Parece que, com *Han d'Islande*, opera-se uma nítida cisão entre o romantismo sadio e o romantismo doentio, entre o de Goethe e o de Byron, entre o romantismo e o frenético. A opinião mais geral entre os críticos, fica a meio caminho do exagero frenético e do passadismo empedernido. Mas essa opinião, comum entre os críticos, talvez não tenha sido o modo de pensar dominante na massa do público, pois é preciso reconhecer que o frenético tinha muitos leitores. Quando Nodier oscila entre a aprovação e a reprovação, é porque sente toda a força da corrente que leva o público ao romantismo extremo. E é justamente a linha desse romantismo extremo, a do frenético – uma das tendências da literatura fantástica – que Victor Hugo segue em seu primeiro romance.

O gênero fantástico constituiu, na França, uma das vertentes do romantismo de evasão. Apresentando características comuns com esse tipo de romantismo – que valorizava a sensibilidade, a subjetividade, o exagero, a inquietação, a imaginação, o gênio original e a exaltação dionisíaca, a preponderância do elemento noturno, a existência de algo selvagem e também patológico, a inclinação profunda para o mórbido – o fantástico encontra, nessa época, terreno propício para desenvolver-se e constituir-se como gênero.

E, do mesmo modo que o romantismo francês, o novo gênero forma-se com o auxílio de influências estrangeiras. No início do século XIX, a literatura francesa descobre o *roman noir* ou romance gótico, tendência do pré-romantismo inglês: os leitores familiarizam-se com os nomes de Horace Walpole, Ann Radcliffe, Matthew Gregory Lewis e Robert Maturin. Suas obras apresentam uma abundância de peripécias delirantes e incompatíveis com o real; o macabro e o terror tornam-se os fins reais da criação romanesca, sem preocupação com a verossimilhança. Todos os modos são bons para suscitar o horror: fantasmas, esqueletos, conventos mal-assombrados, cemitérios ao luar. Assim, o *roman noir* inglês, a que se convencionou chamar também de romance “gótico” ou “frenético” cultiva o excesso e a extravagância.

Foi Nodier quem difundiu, na França, o gênero “frenético” que ele próprio nomeou. Essa denominação, oriunda da expressão “satanic school” referente à poesia de Byron, cobre uma produção bastante heteróclita, abrangendo principalmente, além da obra do poeta inglês traduzida na França, a corrente de literatura *noire* (romances de Laclos e de Sade, *romans noirs* e melodramas de Pixérécourt) que se desenvolveu no momento da Revolução e continuou sob o Império. A tradução de *Bertram* e de *Melmoth*, de Maturin e a de *Le Petit Pierre*, do romancista alemão Spiess, dão um novo vigor ao gênero.

Ora, nas epígrafes que abrem os capítulos de *Han d'Islande*, o melodrama *Bertram*, do romancista irlandês Maturin é citado em seis epígrafes, e Nodier, responsável pela tradução francesa dessa obra, é homenageado com uma epígrafe, o que parece já constituir uma indicação dos caminhos trilhados por Hugo nesse romance.

Entre os temas do frenético, o do sangue ocupa um lugar particularmente importante; essa obsessão reproduz com bastante frequência a imagem do cadafalso, remetendo às execuções revolucionárias, mas também envia a um outro tema (ou motivo) – o do vampiro, o ser que suga secretamente o sangue de seus semelhantes. Em 1820, Nodier publica *Lord Ruthven ou les*

Vampires; em 1821, *Smarra ou les démons de la nuit* retoma a figura do vampiro por meio do personagem Smarra, nome dado ao demônio do pesadelo. O frenético resgata, assim, os elementos de horror – o frenesi de sangue – característicos do romance gótico, que teve seu ápice com a obra de Maturin.

Quem é Han d’Islande, o personagem que dá nome ao primeiro – e polêmico – romance de Hugo? Um antropófago que bebe, em um crânio, “o sangue dos homens e a água dos mares”. Vive só, em uma gruta de Walderhog na Noruega, em fins do século XVII, tendo como companheiro um enorme urso branco. Seus crimes são incontáveis: é o terror do país e, entretanto, não passa de um “homenzinho”. Han d’Islande é, de fato, o primeiro monstro criado por Victor Hugo:

*le thème du monstre et de la prison, associés dans l’imagination de Victor Hugo depuis Han d’Islande et Le Dernier Jour d’un condamné, continueront à y vivre pendant toute son existence et à y agir comme des cellules-mères, produisant et ordonnant autour d’elles des générations d’images apparentées. Il n’est que de penser à Notre-Dame de Paris, aux Misérables, à La Fin de Satan, à L’Homme qui rit pour se convaincre du rôle que ces thèmes d’origine frénétique sont appelés à jouer chez lui*⁴.

Han é descrito minuciosamente no capítulo VI:

[...] un homme petit, épais et trapu, vêtu de la tête aux pieds de peaux de toutes sortes d’animaux encore teintes d’un sang desséché [...]. Sa barbe était rousse et

⁴ MILNER, Max. *Le Romantisme*, v. 1. Paris: Arthaud, 1973. p. 124-125.

*touffue, et son front, caché sous un bonnet de peau d'élan, paraissait hérissé de cheveux de même couleur; sa bouche était large, ses lèvres épaisses, ses dents blanches, aiguës et séparées ; son nez recourbé comme le bec de l'aigle ; et son oeil gris-bleu, extrêmement mobile [...]*⁵.

O guarda da morgue, tremendo, observa-o, no ato de arrancar o crânio do cadáver do filho assassinado:

*Le petit homme, à l'aide de son poignard et de son sabre, en enlevait le crâne avec une dextérité singulière. Quand cette opération fut terminée il considéra quelque temps le crâne sanglant [...] et dit en poussant une espèce de hurlement: - Et moi, je n'aurai pas en mourant la consolation de penser qu'un héritier de l'âme d'Ingolphe boira dans mon crâne le sang des hommes et l'eau des mers*⁶.

Essa é uma das passagens, próprias do frenético, que levaram os críticos a considerar *Han d'Islande* como um romance oriundo do romantismo doentio. Outra cena de horror passa-se no capítulo XXV, nas ruínas que servem de moradia a Han d'Islande e seu urso branco; o homenzinho acaba de matar um grande lobo selvagem e de arrancar sua pele; o urso, seu companheiro, aproxima-se; Han chama-o e oferece-lhe o cadáver do lobo esfolado:

L'ours, après avoir flairé le corps du loup, secoua la tête d'un air mécontent et tourna son regard vers l'homme qui paraissait son maître.

⁵ HUGO, Victor. *Han d'Islande*. Paris: Gallimard, 1981. p. 82-83.

⁶ HUGO, Victor. Op. cit. p. 86.

- *J'entends, dit celui-ci, cela est déjà trop mort pour toi, tandis que l'autre palpite encore. – Tu es raffiné dans tes voluptés, Friend, autant qu'un homme; tu veux que ta nourriture vive encore au moment où tu la déchires [...]*⁷.

As ruínas que serviam com frequência de pano de fundo ao romance gótico e constituíam o espaço reduzido do melodrama, são também o cenário privilegiado do fantástico romântico. A natureza selvagem, assim como os lugares ermos e sombrios, vêm substituir não só os jardins equilibrados, harmoniosos e bem traçados dos castelos clássicos, mas também o *locus amoenus* da literatura do preciosismo. Hugo determina claramente essa diferença ao criar um personagem – o tenente d'Ahlefeld - que se deleita com os romances preciosos de Mlle de Scudéry. Quando Ordener, o herói do romance, visita, incógnito, pela primeira vez o castelo-prisão onde está confinado o pai de sua amada Ethel, o oficial logo lhe pergunta: “*a-t-on traduit quelques nouveaux romans de cette Française, la demoiselle Scudéry? je tiens précisément la Clélie; je suppose qu'on la lit encore à Copenhague. C'est mon code de galanterie, maintenant que je soupire loin de tant de beaux yeux...*”⁸. Esse mesmo personagem, ao relatar à jovem heroína as histórias que ouviu contar sobre Han d'Islande, diz:

[...] les aventures de Han pourraient fournir un roman délicieux, dans le genre des sublimes écrits de la demoiselle Scudéry, l' Artamène ou la Clélie, dont je n'ai encore lu que six volumes, mais qui n'en est pas moins un chef-d'oeuvre à mes yeux. Il faudrait, par exemple, adoucir notre climat, orner nos traditions, modifier nos

⁷ HUGO, Victor. Op. cit. p. 279.

⁸ HUGO, Victor. Op. cit. p.56.

*noms barbares. Ainsi Dromtheim, qui deviendrait Durtinianum, verrait ses forêts changer, sous ma baquette magique, en des bosquets délicieux, arrosés de mille petits ruisseaux, bien autrement poétiques que nos vilains torrents. Nos cavernes noires et profondes feraient place à des grottes charmantes, tapissées de rocailles dorées et de coquillages d'azur. Dans l'une de ses grottes habiterait un célèbre enchanteur, Hannus de Thulé... (Car vous conviendrez que le nom de Han d'Islande ne flatte pas l'oreille). Ce géant [...] descendrait en droite ligne du dieu Mars...[...]*⁹.

A descrição desses excessos da natureza, bem como a caracterização do personagem e a alcunha do ancestral de Han d'Islande, que se opõem ao gosto do tenente d'Ahlefeld pela literatura do preciosismo, parecem vir ao encontro do anseio romântico de valorizar também o lado obscuro do mundo e dos seres. De fato, em 1827, Hugo escreverá no prefácio de *Cromwell*:

*Le christianisme amène la poésie à la vérité. Comme lui, la muse moderne verra les choses d'un coup d'oeil plus haut et plus large. Elle sentira que tout dans la création n'est pas humainement beau, le difforme près du gracieux, le grotesque au revers du sublime, le mal avec le bien, l'ombre avec la lumière*¹⁰.

Já em 1826, no prefácio de *Odes et Ballades*, Hugo adotara um novo tom:

On entend tous les jours [...] à propos de productions littéraires, parler de la dignité de tel genre, des convenances de tel autre, des limites de celui-ci, des

⁹ HUGO, Victor. Op. cit. p. 112-113.

¹⁰ HUGO, Victor. *Préface de Cromwell*. Paris: Larousse, 1949. p. 25.

latitudes de celui-là [...]. La pensée est une terre vierge et féconde, dont les productions veulent croître librement, et pour ainsi dire au hasard, sans se classer, sans s'aligner en plates-bandes, comme les bouquets dans un jardin classique de Le Nôtre, ou comme les fleurs du langage dans un traité de rhétorique [...]. La régularité est une combinaison matérielle et purement humaine; l'ordre est pour ainsi dire divin [...]. Une cathédrale gothique présente un ordre admirable dans sa naïve irrégularité [...]. En deux mots, et nous ne nous opposons pas à ce qu'on juge d'après cette observation les deux littératures, dites classique et romantique, la régularité est le goût de la médiocrité, l'ordre est le goût du génie¹¹.

Vemos, então, a importância que adquire o primeiro romance de Victor Hugo, apesar das polêmicas que suscitou e da recusa que sofreu; as características maiores do romantismo estão ali: a união dos contrários, a expressão total do homem e do mundo, a preponderância da individualidade do gênio.

¹¹ Apud BRAY, René. Op. cit. p. 157.